

TEMPO NA FRASE E TEMPO NO TEXTO: AS TEORIAS DE REICHENBACH E DE ROJO E VEIGA*

Raquel Meister Ko. Freitag**

Resumo: Este artigo apresenta um estudo comparativo das teorias de Reichenbach (1947) e de Rojo e Veiga (1999) para a estruturação lingüística das relações temporais no âmbito da frase e do discurso. Em um primeiro momento, compara as teorias no que se refere à orientação, representação e arranjo. Em seguida, analisa as propostas de estruturação temporal estabelecidas para além dos limites da frase, ou seja, como as teorias estruturam o tempo no texto.

Palavras-chave: tempo lingüístico; estudo comparativo; estrutura temporal.

1 INTRODUÇÃO

A expressão lingüística do tempo¹ é a manifestação de uma característica cognitiva universal: todas as línguas têm em sua gramática um componente responsável pela codificação do tempo cronológico. Comrie (1985, p. vii), por exemplo, define o tempo gramatical como a gramaticalização da localização no tempo cronológico.²

* Agradeço à Prof^a. Dr^a. Luizete Guimarães Barros pelo encorajamento e orientação neste trabalho e aos professores Dr^a. Márluce Coan e Dr. Heronides Melo Moura, pela leitura atenciosa e pelas sugestões.

** Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: <rmkf@terra.com.br>.

¹ A palavra *tempo*, em português, é polissêmica, e recobre pelo menos duas entidades distintas: tempo cronológico – tempo medido – e tempo gramatical – tempo codificado lingüisticamente. O tempo cronológico se gramaticaliza (no sentido de entrar para a gramática da língua) como tempo gramatical. Línguas como o alemão e o inglês têm palavras distintas para tempo gramatical (Tempus, tense) e tempo cronológico (Zeit, time), conforme aponta Weinreich (1968, p. 14-15).

² Nas línguas, a expressão do tempo está estreitamente relacionada com a expressão de aspecto e de modalidade. Embora tempo, aspecto e modalidade frequentemente se sobreponham (uma mesma expressão, seja item lexical ou gramatical, é responsável pela codificação de tempo, aspecto e modalidade) em uma dada situação, é preciso elencar um domínio e isolá-lo para descrever seu comportamento e chegar a uma classificação. Por isso, na análise a seguir, mesmo que outros domínios semânticos também sejam codificados por uma dada forma verbal, apenas o significado temporal será considerado.

Tempo na frase e tempo no texto:...

Apresento, a seguir, duas propostas que tentam explicar como o tempo cronológico passa ao tempo gramatical nas línguas. A primeira proposta, de orientação lógico-positivista, é a de Hans Reichenbach (1947), e a segunda, de orientação funcional-descritiva, é a de Guilherme Rojo e Alexandre Veiga (1999). É preciso salientar que as propostas não são concorrentes no papel de “a melhor explicação” para a estrutura gramatical do tempo (como será visto no desenvolvimento deste trabalho). A explicação lógico-formal de Reichenbach é mais adequada no nível frasal, enquanto que a explicação funcional-descritiva de Rojo e Veiga é mais adequada no nível do texto.

Especificamente, (i) comparo as teorias no que se refere à orientação, representação e arranjo, e (ii) analiso as propostas de estruturação temporal estabelecidas para além dos limites da frase, ou seja, como as teorias estruturam o tempo no texto.

O texto escolhido para dar suporte à análise das propostas de estruturação temporal é “*Guerra no Iraque derruba mitos*”, publicado no Diário Catarinense do dia 13/04/2003. Este texto caracteriza-se pela variedade de recursos temporais, determinada pelo seu tema: a comparação das expectativas antes da invasão americana ao Iraque com o que aconteceu de fato durante a invasão.

2 TEMPOS VERBAIS: A TEORIA DE HANS REICHENBACH

Para elaborar sua teoria para a estruturação dos tempos verbais, Reichenbach parte do pressuposto de que os tempos verbais determinam o tempo em relação à referência e ao momento do ato de fala de um dado enunciado.

Assim, denomine-se *momento da fala*³ ao momento da enunciação. A partir da definição deste ponto, podemos estabelecer três relações: antes do momento de fala, simultâneo ao momento da fala e posterior ao momento da fala. A fixação de apenas um ponto nos fornece somente essas três relações

³ No original, consta *speech point*. Prefiro traduzir *point* por momento, seguindo os demais trabalhos que tomam por base Reichenbach (cf. COAN, 1997, 2003; GIBBON, 1998).

temporais. Dado o grande número de relações temporais existentes nas línguas, é preciso estabelecer um sistema mais complexo.

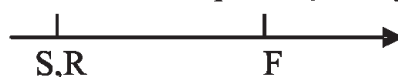
Argumentando segundo a perspectiva deste autor, em uma frase tal *Estados Unidos invadiu o Iraque*, o tempo expresso pela forma verbal de pretérito perfeito está relacionado a dois parâmetros, cujas posições podem ser determinadas a partir do momento da fala. Chame-se a esses dois pontos de *momento da situação*⁴ e *momento da referência*. No exemplo em questão, o momento da situação é o momento da invasão, tal que os Estados Unidos invadiram o Iraque; o momento da referência é, neste caso, o próprio momento da fala. Em uma frase individual, como a do exemplo, não é claro em que ponto está situado o momento da referência, pois sua determinação é dada pelo contexto da fala. Tomem-se os excertos que seguem (a simbologia utilizada é: R, para momento da referência; F, para momento da fala; e S, para momento da situação):

(1) Após uma dura batalha em Karbala, a 3ª Divisão de Infantaria dos EUA penetrou na zona vermelha no dia 1º de abril, sem enfrentar maior resistência. (col. 2 lin. 8-11)⁵

S: *penetrou*

R: 1º de abril

F: 13/04/2003 data de publicação do jornal



(2) O governo iraquiano dispõe de armas de destruição em massa. (col. 3 lin. 4)

S: *dispõe*

R: momento de fala

F: 13/04/2003 – data de publicação do jornal



⁴ No original, consta *event point*. Preferi adotar a tradução *situação*, que recobre eventos, processos e estados.

⁵ No parêntesis, col. refere-se à coluna e lin. refere-se à linha em que o excerto está situado no texto.

Tempo na frase e tempo no texto:...

(3) Soldados leais a Saddam lançarão mão de armas de destruição em massa. (col. 2, lin. 4-6)

S: *lançamento*

R: momento de fala

F: 13/04/2003 – data de publicação do jornal



O excerto (1) ilustra uma situação anterior ao momento da fala, o que é expresso pela forma verbal de pretérito perfeito. O momento da referência é *1º de abril, após uma dura batalha em Karbala*. Já o excerto (2) ilustra uma situação (*dispõe*) que é simultânea ao momento da fala, e também simultânea ao momento da referência; em outras palavras, a data da publicação do jornal é, ao mesmo tempo, o momento da fala e o momento da referência, e também é simultânea ao momento da situação. E, no excerto (3), há uma situação que é posterior ao momento da fala (*lançamento*), mas cujo momento de referência é coincidente com o momento da fala (a data da publicação do jornal é, ao mesmo tempo, o momento da referência e o momento da fala), por disposição da teoria de Reichenbach.

Quando não há referência temporal explicitada textualmente, o momento da fala torna-se o momento da referência. Nos tempos verbais ilustrados de (1) a (3), dois dos três pontos são simultâneos. A argumentação de Reichenbach aponta para a necessidade de estabelecimento de três momentos para que se possa fazer a distinção dos demais tempos do sistema verbal do inglês (e que pode ser estendido às demais línguas). A dificuldade das gramáticas escolares em definir os tempos verbais, segundo Reichenbach (p. 289-290), está no fato de elas não reconhecerem a estrutura de três lugares na determinação das relações temporais. Por exemplo, o excerto (4) não pode ser estruturado apenas com dois pontos⁶:

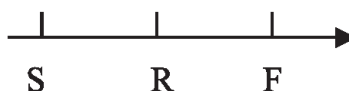
⁶ Para contraponto, vale apontar a proposta de Comrie (1985), que estabelece o momento de fala como centro dêitico, a partir do qual três tempos básicos podem ser estruturados: presente passado e futuro. Tais tempos são denominados tempos absolutos, em oposição aos relativos. Os tempos absolutos são os que tomam como ponto de referência o momento da fala. Tempos relativos têm como referência algum outro ponto contextualmente atribuído, e por isso, são ditos anafóricos.

(4) “Antes da noite de sexta-feira, os EUA não haviam encontrado nenhuma prova de armas químicas” (col. 4, lin. 5-6)

S: *havam encontrado*

R: *noite de sexta-feira*

F: 13/04/2003 – data de publicação do jornal



O excerto (4) refere-se a uma situação – o encontro de provas da existência de armas químicas – que é anterior ao momento de referência – a noite de sexta-feira, 11/04/2003 –, que, por sua vez, é anterior ao momento da fala – a data da publicação do jornal, domingo, dia 13/04/2003. Se nos valêssemos de apenas dois pontos, não conseguiríamos codificar a nuance temporal existente na situação; com os três pontos de Reichenbach, a nuance temporal codificada lingüisticamente fica mais próxima da situação temporal ocorrida.

A ordenação do tempo a partir de três pontos permite treze combinações lógicas, embora a gramática do inglês reconheça seis por meio de forma verbal específica.

Tomando o momento da fala como ponto inicial, o momento de referência pode ser anterior, simultâneo ou posterior; o que resulta em três possibilidades. O momento da situação também pode ser anterior, simultâneo ou posterior ao momento da fala, o que resulta em mais três possibilidades. O arranjo entre as três possibilidades de momento de referência e as três possibilidades de momento de situação resulta em nove formas, chamadas formas fundamentais. As demais diferenças aparecem somente quando a posição da situação em relação ao momento da fala é considerada; essa posição é irrelevante normalmente. A forma F – S – R pode ser distinguida de F,S – R; resta a relação entre F e R na primeira e S e R na segunda. Essas duas formas não diferem, podendo ser representadas pela mesma fórmula.

O quadro sinóptico das relações temporais do inglês proposto por Reichenbach, bem como a nomenclatura sugerida, é o que se observa na figura 1.

Tempo na frase e tempo no texto:...

		Tempo verbal do inglês
S - R - F	passado anterior	
S,R - F	passado simples	simple past
R - S - F } R - F - S }	passado posterior	
S - F - R	presente anterior	
F, R, S	presente simples	present
F, R - S	presente posterior	
F - S - R } F, S - R }	futuro anterior	
S - F - R }		
F - R, S	futuro simples	future
F - R - S	futuro posterior	

Figura 1 – Estruturas das relações temporais (REICHENBACH, 1947, p. 297).

Apesar de proposta para o inglês, a esquematização das relações temporais pode ser aplicável a todas as línguas.⁷ Porém, existem situações temporais mais complexas do que as esquematizadas. Quando mais de uma oração se combinam para formar um período, os tempos verbais se ajustam, de acordo com certas regras que os gramáticos costumam chamar de regras de seqüenciação temporal.

As regras de seqüenciação temporal são tradicionalmente denominadas *consecutio temporum*, ou concordância temporal. Weinreich (1968, p. 46) propõe que existe relação entre os grupos temporais. Um tempo no discurso está contextualizado; não pode ser ilimitadamente combinável com outros tempos. Certas combinações são preferidas no contexto; outras são limitadas ou inadmissíveis. As possibilidades de combinação entre os tempos são as que se seguem no quadro 1.

⁷ Isto significa que em todas as línguas é possível determinar o momento da fala, o momento da referência e o momento da situação, embora o arranjo entre estes três momentos seja variável.

Grupo temporal I		Grupo temporal II	
Eu sei	que ele canta	Eu sabia	que ele cantava
	que ele cantou		que ele tinha cantado
	que ele vai cantar		que ele cantaria
	que ele acabou de cantar		que ele ia cantar
	que ele está cantando		que ele acabava de cantar
	que ele cantará		que ele estava cantando

Quadro 1 – Relações de consecutio temporum (WEINREICH, 1968, p. 46-47).

Para Reichenbach (1947), tais regras se resumem ao *princípio de permanência do ponto de referência*: enquanto as situações referidas nas orações constituintes do período podem ocupar diferentes momentos, o momento de referência de todas deve ser o mesmo, em todo o período. Tome-se o excerto:

(5) “A imprensa repercutiu versões que acabaram se tornando mitos, (que são) hoje facilmente derrubáveis à luz dos acontecimentos.” (col. 1 lin. 8-11)

S₁: *repercutiu versões*

S₂: *acabaram se tornando mitos*

S₃: *são derrubáveis*

F: 13/04/2003 – data de publicação do jornal

R₁ = R₂

R₃: hoje

1 ^a oração	S ₁ R ₁ ————	F
2 ^a oração	S ₂ R ₂ ————	F
3 ^a oração	R ₃	F, S ₃

A frase (5) é composta por três orações. Na primeira oração, a situação S₁ é a *repercussão de versões pela imprensa*, que é simultânea R₁, e ambas são anteriores ao momento da fala. Na segunda oração, a situação S₂, *acabaram se tornando mitos*, é simultânea ao momento de referência R₂, e ambos são anteriores ao momento da fala. E, na terceira oração, a situação S₃, *são facilmente derrubáveis*, é simultânea ao momento de referência e ao momento

de fala. O momento de referência para todas as situações da oração é o mesmo. Por essa razão é que Reichenbach considera tal período regido pelo “princípio de permanência do ponto de referência”.

Quando uma determinação temporal é adicionada, como *agora*, *ontem*, ou *1º de abril*, ela se refere não à situação, mas ao momento de referência da oração. Portanto, em *mitos são hoje facilmente derrubáveis*, o advérbio refere-se somente à situação, porque o momento da situação e o momento da referência são coincidentes. Mas em *antes da noite de sexta-feira, os EUA não haviam encontrado nenhuma prova de armas químicas, antes da noite sexta-feira* é o momento de referência, e a situação do não-encontro de armas pode ter ocorrido em um momento qualquer anterior à noite de sexta-feira. Neste caso, Reichenbach fala do *uso posicional do ponto de referência*. O momento de referência é apenas suporte da posição temporal. E quando dois momentos temporais são comparados por palavras como *quando*, *antes*, *depois*, as comparações se referem ao momento de referência, e não ao momento da situação. Neste caso, a regra de permanência do ponto de referência é substituída pelo uso posicional do ponto de referência, sendo possível, portanto, que uma língua se oriente por mais de um princípio.⁸

3 TEMPO VERBAL, TEMPOS VERBAIS: A TEORIA DE GUILHERME ROJO E ALEXANDRE VEIGA

Rajo e Veiga (1999) elaboraram uma teoria de relações temporais que integra fenômenos deixados de lado por outras teorias. A primeira consideração é que o tempo lingüístico é bidimensional e, portanto, pode ser anterior, simultâneo ou posterior a outro. Essas relações temporais podem ser expressas por vetores (V). Assim, por convenção, -V simboliza anterioridade; oV simboliza simultaneidade; e +V, posterioridade. Convencione-se também que o ponto central

⁸ Reichenbach (1947) salienta que há línguas que se orientam mais por um princípio do que por outro. Ele exemplifica com o inglês e o alemão; o inglês tende a requisitar mais o princípio do uso posicional do ponto de referência, ao passo que o alemão tende a requisitar mais o princípio de permanência do ponto de referência. As línguas podem ser regidas ora por um princípio, ora por outro, mas nunca pelo dois princípios ao mesmo tempo (na mesma situação).

das relações temporais é a origem (simbolizada por O), e as relações temporais possíveis são O–V, OoV e O+V, para anterioridade, simultaneidade e posterioridade de uma situação em relação a um ponto de origem. Rojo e Veiga mantêm a convenção de representar o anterior à esquerda e o posterior à direita. As relações temporais podem ser esquematizadas como no quadro que segue:

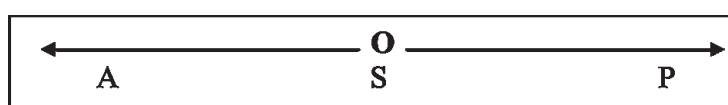


Figura 2 – Esquema de representação temporal (adaptado do gráfico 44.2 de ROJO e VEIGA, 1999, p. 2877).

As relações temporais esquematizadas pelos vetores correspondem, por exemplo, a:

- (6) “Após uma dura batalha em Karbala, a 3ª Divisão de Infantaria dos EUA penetrou na zona vermelha no dia 1º de abril, sem enfrentar maior resistência.” (c.21. 8-11)
- (7) “O governo iraquiano dispõe de armas de destruição em massa (químicas e biológicas) e, por isso, representa uma ameaça aos EUA e ao mundo.” (c. 31. 4)
- (8) “Soldados lançarão mão de armas de destruição em massa.” (c. 2, l. 4-6)

Em (6), a relação temporal é de anterioridade à origem, simbolizada pelo vetor O–V. Em (7), a relação temporal da situação é de simultaneidade à origem, cuja representação é OoV. E, em (8), a situação tem uma relação temporal de posterioridade à origem, cuja fórmula é O + V. Os advérbios presentes em (6) convergem com os valores temporais das formas verbais em uso. Porém, seu significado é próprio e independente.

Rojo e Veiga ressaltam que, a princípio, as “fórmulas” para representação das relações temporais podem parecer complicadas, mas na realidade são bem simples; devem ser lidas da esquerda para a direita,

respeitando-se as convenções. Uma fórmula como O–V se refere a uma situação que é anterior (–V) à origem. Já uma fórmula tal como (O–V)+V refere-se a uma situação que é posterior (+V) a outra situação, que por sua vez é anterior (–V) à origem.

Assim, considerando um ponto de origem, as relações temporais estabelecidas a partir desse ponto são apenas três: anterioridade, simultaneidade e posterioridade. A existência de outras relações temporais mais complexas não se deve ao aumento das relações temporais, mas sim ao encadeamento das possibilidades iniciais, que é, teoricamente, ilimitado. Isso significa que um ponto qualquer, orientado em relação à origem, pode ser convertido em referência, sobre o qual se ancora uma situação, que será diretamente orientada em relação a essa referência, e indiretamente orientada em relação à origem. A possibilidade de encadeamento é ilustrada pelo quadro a seguir:

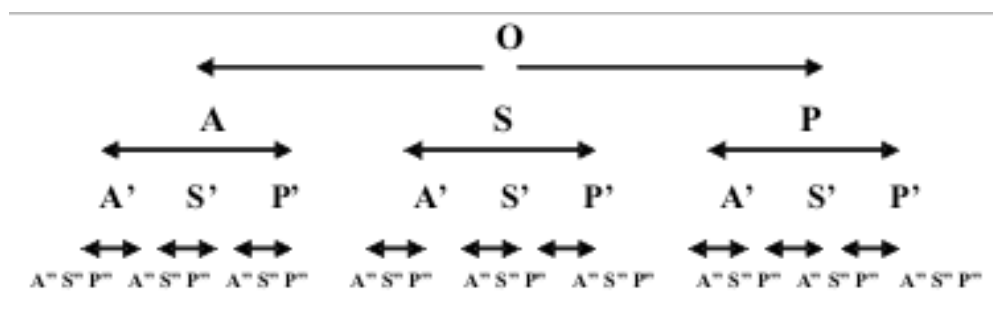


Figura 3 – Esquema de representação de estruturas temporais complexas (adaptado do gráfico 44.3 de ROJO e VEIGA, 1999, p. 2877).

Tome-se a origem O. O ponto A, que é anterior à origem O, torna-se o ponto de referência ao qual outras situações podem ser anteriores, como A', simultâneas, como S', ou posteriores, como P', resultando formulações vetoriais O–V, OoV, e O+V, respectivamente. O ponto A' está orientado em relação ao ponto A, que por sua vez está orientado em relação à origem O. A formulação vetorial para cada uma das situações é (O–V)–V, (O–V)oV e (O–V)+V, e assim sucessivamente, para A''', etc.

(9) “O mito de que Bagdá seria uma nova Stalingrado começou a ruir um dia depois da chegada da 3ª Divisão de Infantaria do exército americano à capital.” (c. l.)

No esquema vetorial de Rojo e Veiga, *seria* é uma situação posterior ao ponto de referência O, a situação da enunciação, assim como *começou a ruir*. Porém, *seria* é uma situação posterior a *começou a ruir*. *Começou a ruir* torna-se o ponto de referência para *seria*. Relativamente à origem, *seria* é indiretamente anterior, e a *começou a ruir*, *seria* é diretamente posterior. A representação vetorial da estrutura temporal da frase é a seguinte:

(10) “O mito de que Bagdá seria (O-V)+V uma nova Stalingrado começou a ruir O-V um dia depois da chegada da 3ª Divisão de Infantaria do exército americano à capital.” (col. 1 lin. 22-25)

Levando-se em consideração o significado condicional, *seria* tem outra estrutura temporal. ‘Bagdá ser Stalingrado’ é um mito que se dará em determinadas condições. Se tais condições não se dão – já que o mito ruiu – então Bagdá não será Stalingrado (‘negação da hipótese’ ou ‘negação implícita’, nos termos de Bello (1979 [1809])). Temporalmente, as situações ‘começou a ruir’ e ‘ser uma nova Stalingrado’ são concomitantes, e *seria* tem a seguinte estrutura vetorial (O-V)oV.

De acordo com a proposta de Rojo e Veiga, o encadeamento de referências temporais secundárias, e a sua orientação em relação à origem, não têm, em princípio, um limite teórico. Mas, na prática, sim. No espanhol, por exemplo, a relação temporal mais complexa é representada pela fórmula (O-V)+V)-V, que corresponde, em português, a uma construção como *teria bombardeado*. As possibilidades de relação temporal no espanhol, e em português, são as que seguem:

Tempo na frase e tempo no texto:...

Cantei	Canté	O – V
Canto	Canto	OoV
Cantarei/vou cantar	Cantaré	O + V
Tinha cantado	Había cantado	(O – V)– V
Cantava	Cantaba	(O – V)oV
Cantaria	Cantaría	(O – V) + V
Tenho cantado	He cantado	(O – V) + V
Terei cantado/vou ter cantado	Habré cantado	(O + V) – V
Teria cantado	Habría cantado	(O – V) + V) – V

Quadro 2 – Relações temporais no português e no espanhol (adaptado de ROJO e VEIGA, 1999, p.2885).

O encadeamento dos vetores para a formação de toda a gama de tempos verbais do espanhol, e de todas as línguas, pode ser melhor visualizado no quadro que segue:

Ponto de referência	Relação temporal primária		
	– V	OV	+ V
O			
(O – V)			
(O oV)			
(O + V)			
(O – V) + V)			

Quadro 3 – Encadeamento vetorial (adaptado do gráfico 44.2 de ROJO e VEIGA, 1999, p. 2884).

O valor temporal das formas verbais como de (11) se manifesta de fato na sua relação com a referência, e não em sua relação com a origem. Por exemplo, *tinha penetrado* expressa uma situação anterior a uma referência anterior à origem. Logo, se a referência é anterior, e se a situação é anterior à referência, pode-se deduzir que a situação também é anterior à origem. O mesmo ocorre com uma situação simultânea a uma referência anterior à origem,

que necessariamente também é anterior à origem. Porém, quando se trata de uma situação posterior a uma referência anterior à origem, a situação posterior fica indeterminada quanto à origem.

(11) Os jornais anunciaram que as tropas estariam aqui

ontem
hoje
amanhã

Rojo e Veiga afirmam que em todos os três casos, *anunciaram* tem valor temporal anterior à origem e *estariam* expressa posterioridade à referência anterior à origem. Porém, a forma verbal por si só não é capaz de definir se é uma situação anterior, simultânea ou posterior à origem. Os advérbios marcam de modo mais explícito essa relação, mostrando a relação entre *estariam* e o ponto de origem.

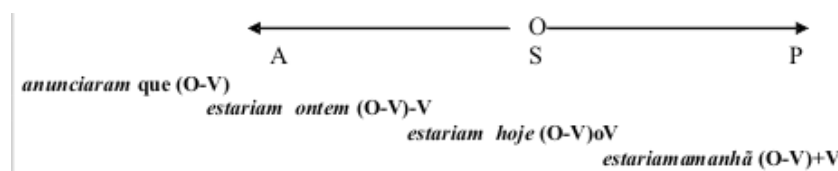


Figura 4 – Esquema de representação de estruturas temporais (adaptado do gráfico 44.4 de ROJO e VEIGA, 1999, p. 2878).

Sem expressões adverbiais de tempo, a situação fica indeterminada, e pode corresponder a qualquer uma das possibilidades assinaladas no esquema anterior, sendo o seu valor determinado em função do contexto.

As formas verbais orientam as situações expressas em relação à origem, ao ponto central de todas as relações. Rojo e Veiga ressaltam que é uma localização no sentido lato, pois uma situação pode ser dita anterior, simultânea ou posterior à origem. Uma orientação estabelecida por uma forma verbal pode ser mais específica, com o uso de um advérbio, como em (12).

Tempo na frase e tempo no texto:...

**(12) Cheguei
ontem
há um mês
em 25 de março de 2003**

As formas verbais expressam relação com base na referência e possuem uma orientação concreta em relação à origem. Os advérbios, porém, expressam simplesmente anterioridade, simultaneidade ou posterioridade a qualquer ponto. Porém, tanto as formas verbais como os advérbios expressam relação temporal de anterioridade, simultaneidade e posterioridade em relação a um dado ponto. Rojo e Veiga denominam *formas alocêntricas* as que indicam essa relação entre um ponto e a origem. As outras formas mostram relação temporal em referência à origem. Dado que a origem não é nada além do ponto zero do sistema, todas as relações expressas por advérbios ou formas verbais são relativas. O fator fundamental para defini-las é a relação temporal primária.

A origem é um ponto dado a partir do qual se orientam temporalmente as situações expressas pelas formas verbais. As orientações podem ser diretas, como as relações de presente, passado e futuro, ou indiretas, quando entre a situação e a origem se interpõe um outro ponto, cuja relação com a origem pode ser direta ou indireta. A origem é o centro dêitico de todas as relações temporais. A questão que se coloca é: onde se situa esse ponto central? Rojo e Veiga citam autores como Bello (1979 [1809]) e Reichenbach (1947), que tomam como centro da referência, respectivamente, o “acto da palavra” e o “speech time”. Porém, a identificação do ponto zero como o momento de realização verbal da fala nem sempre é aceitável. É o caso do jornal: o “agora” do jornalista escrevendo o jornal não resulta no “agora” do leitor; existe um lapso de tempo entre os dois momentos. Não se pode identificar o centro das relações temporais no momento da enunciação. Rojo e Veiga propõem que a origem seja estabelecida no “momento da comunicação”.

Assim, Rojo e Veiga concluem que a localização da origem, centro dêitico das relações do sistema temporal, pode ser variável. A mais habitual e espontânea parece ser o momento da fala, mas determinados fatores podem alterar esse ponto, levando-o para bem distante do “agora”, tanto do emissor quanto do receptor.

4 COMPARANDO TEORIAS

As teorias de estruturação temporal propostas por Reichenbach (1947) e por Rojo e Veiga (1999) apresentam pontos divergentes. Para a teoria de Reichenbach, apenas o estabelecimento do momento da fala não é suficiente para estruturar toda a gama temporal das línguas. É necessário também estabelecer outros dois momentos: o momento da referência e o momento da situação, ainda que estes sejam coincidentes em alguns tempos verbais. As possibilidades de arranjo entre estes três momentos resultam na diversidade de estruturas temporais que as línguas manifestam. Já a teoria de Rojo e Veiga (1999) toma um dado ponto como origem para uma orientação vetorial dos tempos verbais. Normalmente, a origem coincide com o momento da fala, mas nem sempre. Por isso, Rojo e Veiga postulam como ponto de origem do seu sistema vetorial o momento da comunicação. A representação das variadas estruturas temporais das línguas se dá pelo encadeamento de vetores.

O quadro 8 resume as principais propriedades de cada teoria, no que se refere à orientação, representação e arranjo:

	<i>Reichenbach</i>	<i>Rojo e Veiga</i>
<i>Centro de orientação</i>	<i>Momento da fala, momento do evento, momento da referência</i>	<i>Momento da comunicação</i>
<i>Representação linguística</i>	<i>Morfologia verbal para momento da fala e adjuntos adverbiais e morfologia verbal para o momento da referência</i>	<i>Exclusivamente morfologia verbal</i>
<i>Possibilidades de arranjo temporal</i>	<i>Nove tempos simples mais os equivalentes tempos estendidos</i>	<i>Teoricamente ilimitadas, mas limitadas na prática. O espanhol, por exemplo, possui 9 possibilidades.</i>

Quadro 4 – Quadro comparativo das teorias de Reichenbach (1947) e de Rojo e Veiga (1999).

Quanto ao eixo de orientação, as teorias de Reichenbach e de Rojo e Veiga diferem; uma assume a orientação anafórica enquanto a outra assume a orientação dêitica. A noção de dêixis e anáfora, inicialmente proposta no plano nominal, quando

passada para o plano verbal costuma ser ambígua. Tempos dêiticos tomam como referência o momento da enunciação. E tempos anafóricos ancoram a referência em outro tempo que não o momento da enunciação (cf. COMRIE, 1985).

De acordo com a proposta de Reichenbach, os tempos verbais têm natureza essencialmente anafórica, uma vez que são estruturados a partir de um momento de referência, ainda que coincidente com o momento da fala ou o momento da situação.

Já para Rojo e Veiga, os tempos verbais são dêiticos, já que a orientação de uma dada situação está relacionada à origem, que é coincidente com o momento da comunicação. “*Considerar que es una categoría deíctica significa que establece un sistema centrado en una referencia interna que, en la interpretación más habitual, se identifica con el momento de la enunciación*” (ROJO e VEIGA, 1999, p. 2879). Tanto as formas verbais como os advérbios expressam relação temporal de anterioridade, simultaneidade e posterioridade em relação a um dado ponto. São ditas formas alocêntricas as que indicam essa relação entre um dado ponto qualquer à origem do sistema. As outras formas mostram relação temporal em referência à origem. Dado que a origem não é nada além do ponto zero do sistema, todas as relações expressas por advérbios ou formas verbais são relativas. O fator fundamental para defini-las é a relação temporal primária.

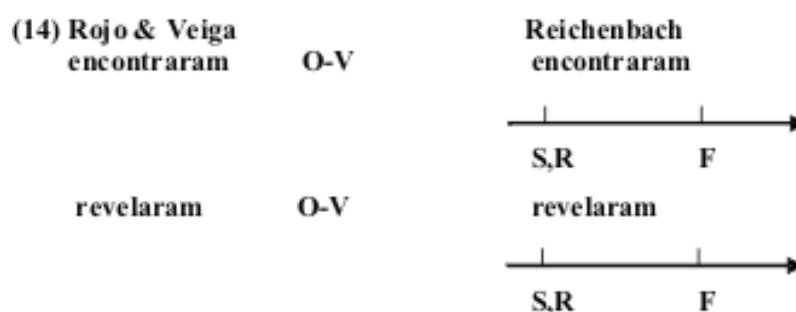
A concepção do eixo de orientação das teorias de estruturação temporal mostra diferenças quando a análise da estrutura temporal é estendida ao nível do discurso.

5 RELAÇÕES TEMPORAIS NO TEXTO

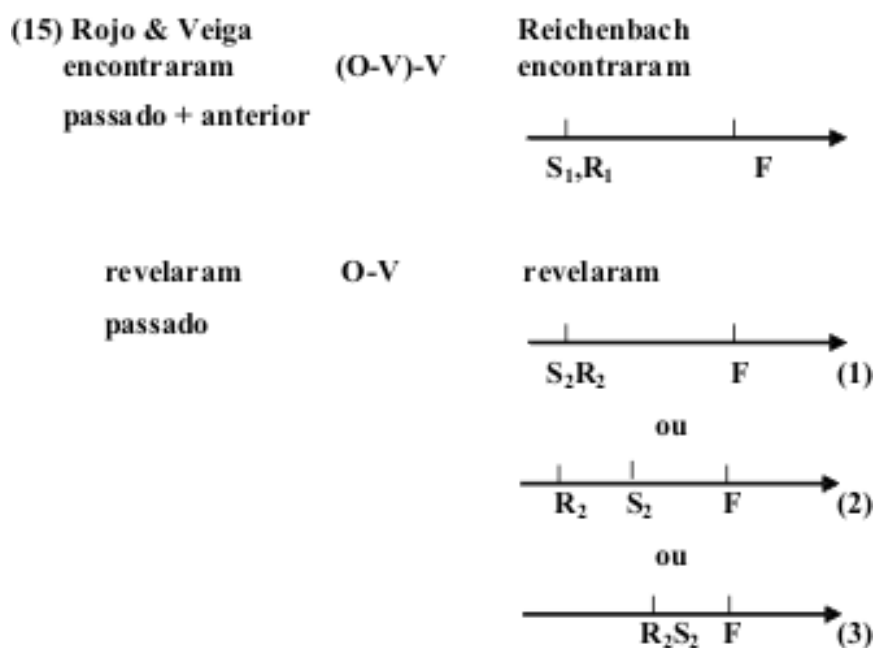
A fala não é constituída por frases isoladas e independentes. O encadeamento frasal resulta no texto. Como as relações temporais existentes nas frases se encadeiam entre si para formar o texto? A resposta não está explicitada em nenhuma das teorias. Mas podemos tentar elucidá-la a partir dos seus pressupostos, especialmente considerando a noção de eixo de orientação e as possibilidades de arranjo temporal. Tome-se o seguinte excerto:

(13) “Na segunda-feira, as tropas encontraram 14 tonéis suspeitos de conter gases nervoso e mostarda. Mas testes revelaram que o produto não passava de pesticida para lavoura.” (col. 4, lin. 8-12)

A análise considerando as situações expressas na frase em separado leva às seguintes estruturações temporais:



Porém, analisando as situações em conjunto, o resultado é diferente:



As situações expressas no excerto são semanticamente encadeadas do ponto de vista temporal. Para *realizar* o teste é preciso *encontrar* o produto, não ao contrário. Logo, no discurso, as seqüências frasais dão origem a uma estrutura de representação relativamente complexa. De acordo com a teoria de Rojo e Veiga, as possibilidades ilimitadas de arranjos vetoriais refletem tal complexidade e podem reatualizar as nomenclaturas não fixadas apenas na morfologia. Já na teoria de Reichenbach, as seqüências são coordenadas, sempre respeitando o limite das nove possibilidades de combinações temporais.

Na teoria de Reichenbach, a referência das duas orações é *segunda-feira*. A posição do evento em relação à referência é que nos faz ver que ‘revelar’ é posterior à ‘encontrar’, S_2 é posterior à S_1 , conforme (3) de (15).

Como a teoria de Rojo e Veiga é baseada no discurso, possibilita novas combinações. Isso significa que nem todo *encontraram* é só passado (O–V), neste caso, é passado mais-que-perfeito. O valor temporal de *encontraram*, considerando o contexto discursivo no qual está inserido, é muito mais do que passado anterior. Observe-se:

(16) “Primeiro pretexto para a guerra, as supostas armas de destruição em massa até agora não passam de um mito. Até a noite de sexta-feira, os EUA não haviam encontrado nenhuma prova da existência de armas químicas ou biológicas no Iraque. No máximo, indícios pouco críveis – máscaras antigas e macacões contra armas químicas foram encontrados entre os equipamentos dos militares mortos. Na segunda-feira, as tropas encontraram 14 tonéis suspeitos de conter gases nervoso e mostarda. Mas testes revelaram que o produto não passava de pesticida para lavoura.” (col. 4, lin. 1-12)

O excerto contém cinco situações – armas químicas não passam de um mito, não haviam encontrado armas químicas; indícios pouco críveis foram encontrados, as tropas encontraram tonéis, e testes revelaram – todas estabelecidas relativamente ao momento da fala, na teoria de Reichenbach, ou origem do sistema, na teoria de Rojo e Veiga, que é domingo, dia da publicação do jornal. A estrutura das relações temporais do excerto, conforme a teoria de Reichenbach, é a seguinte:

(17) R_1 : *até agora*
 S_1 : *armas químicas não passam de um mito*
 R_2 : *até a noite de sexta-feira*
 S_2 : *não haviam encontrado*
 R_3 : R_3
 S_3 : *indícios pouco críveis foram encontrados*
 R_4 : *na segunda-feira*
 S_4 : *as tropas encontraram tonéis*
 R_5 : S_5
 S_5 : *testes revelaram*

1ª oração		F S_1R_1
2ª oração	S_2R_2 _____	F
3ª oração	S_3R_3 _____	F
4ª oração	S_4R_4 _____	F
5ª oração	S_5R_5 _____	F

A primeira oração refere-se a uma situação que é simultânea ao momento da fala e ao momento da referência (*até agora as armas químicas não passam de um mito*); as segunda e terceira orações referem-se a situações que são simultâneas à referência, mas anteriores ao momento da fala (*até a noite de sexta-feira, os EUA não haviam encontrado e indícios pouco críveis foram encontrados*); e as quarta e quinta orações referem-se a situações que são simultâneas à referência e anteriores ao momento da fala (*tropas encontraram tonéis e testes revelaram*)⁹.

Analisando individualmente os pares de situações, S_2, S_3 e S_4, S_5 são caracterizados pela permanência do ponto de referência. Já o conjunto das relações temporais do excerto é caracterizado pelo uso posicional do ponto de referência.

Considerando a teoria de Rojo e Veiga, as relações temporais do excerto são as seguintes:

⁹ Recorde-se que as situações não são simultâneas, conforme apontado anteriormente. O modelo de Reichenbach não permite que se codifique com precisão a relação temporal estabelecida entre as duas orações.

Tempo na frase e tempo no texto:...

<i>(18) até agora, armas químicas não passam de um mito</i>	(OoV)
<i>até a noite de sexta-feira não haviam encontrados</i>	(O-V)
<i>indícios pouco críveis foram encontrados</i>	(O-V)oO)
<i>na segunda-feira, as tropas encontraram tonéis</i>	(O-V)oO)-V)
<i>testes revelaram</i>	(O-V)oO)-V)+V)

A primeira oração refere-se a uma situação simultânea à origem (*até agora, armas químicas não passam de um mito*). A segunda oração refere-se a uma situação que é anterior à origem (*até a noite de sexta-feira não haviam encontrados*). A terceira oração refere-se a uma situação que é simultânea à situação que é anterior à origem (*indícios pouco críveis foram encontrados*). A quarta oração refere-se a uma situação que é anterior à situação que é simultânea à situação que é anterior à origem (*na segunda-feira, as tropas encontraram tonéis*). E, finalmente, a quinta oração é posterior à situação que é anterior à situação que é simultânea à situação que é anterior à origem (*testes revelaram*) (note-se que a quarta oração é mais anterior que a quinta oração).

Assim, *encontraram*, no excerto, tem o seguinte valor temporal **(O-V)oO)-V)**. A recursividade da teoria de Rojo e Veiga garante que se possa estabelecer o valor temporal para uma situação no discurso, sem atrelá-la necessariamente ao seu valor temporal morfológicamente convencionado (no caso do morfema *-ra*, seu valor modo-temporal é de pretérito perfeito ou de pretérito mais-que-perfeito, que são homógrafos no português).

A estruturação temporal do discurso com base na teoria de Rojo e Veiga permite que se visualize melhor as relações temporais estabelecidas, e isto é devido ao fato de sua teoria tomar por base a origem do sistema, e não o momento da enunciação, como faz Reichenbach. As relações são estabelecidas a partir de uma origem, que nem sempre coincide com o momento da fala.

Considerando que o tempo verbal está vinculado ao tempo cronológico, a noção de tempo absoluto, como propõe Comrie (1985), é, na verdade, ilusória, de acordo com a teoria da Rojo e Veiga. O tempo verbal sempre será relativo, uma vez que está atrelado ao tempo cronológico. Tome-se o texto que subsidia a análise – “*Guerra no Iraque derruba mitos*”. O texto foi publicado no jornal Diário Catarinense do dia 13 de abril de 2003. O tempo verbal empregado no texto é relativo ao tempo cronológico da data da publicação. As frases que

seguem ilustram a relatividade do tempo verbal:

(19) “A temida Guarda Republicana parece ter se transformado em um exército fantasma.” (col. 1 lin. 42-43)

(20) “O governo iraquiano dispõe de armas de destruição em massa (químicas e biológicas) e, por isso, representa uma ameaça aos EUA e ao mundo.” (col. 3 lin. 4)

(21) Como Stalingrado, a capital iraquiana, Bagdá, será palco de uma sangrenta batalha urbana. (col. 1 lin. 20-23)

A partir do momento da publicação do jornal, toda leitura terá que reatualizar os valores temporais das situações. Para o excerto (19), existem as seguintes possibilidades de reatualização:

(19a) O jornal de 13 de abril de 2003 informa que a temida Guarda Republicana parece ter se transformado em um exército fantasma.

(19b) O jornal de 13 de abril de 2003 informou que a temida Guarda Republicana parecia ter se transformado em um exército fantasma.

(19c) O jornal de 13 de abril de 2003 informava que a temida Guarda Republicana parecia ter se transformado em um exército fantasma.

Nos casos de reatualização temporal, a relação temporal existente não se altera, apenas as formas da sua expressão. A relação temporal de (19), de acordo com Rojo e Veiga, é a de uma situação simultânea à outra, que é a origem. Com a reatualização temporal, a situação, em a-b-c, continua sendo simultânea à outra situação, porém, a origem do sistema desloca-se para o momento da reatualização. As relações temporais estabelecidas continuam sendo as mesmas, apenas são realizadas por formas morfológicas diferentes. A escolha das formas morfológicas na reatualização não é aleatória: segue o princípio do *consecutio temporum* (WEINREICH, 1968), já discutido na seção 2.

A teoria de Reichenbach, que estrutura os tempos em função de três pontos linearizados, torna as relações temporais visualmente mais explícitas. Mas, a partir do momento em que o escopo de análise é maior do que a frase, a teoria de Rojo e Veiga tem maior valor explanatório, dado que as possibilidades de combinação são, teoricamente, ilimitadas. A teoria de Reichenbach se limita ao encadeamento das 9 possibilidades de arranjo dos pontos.

6 A REFERÊNCIA

Um dos pontos centrais que distingue as teorias de Reichenbach e de Rojo e Veiga é quanto ao estabelecimento de um tempo de referência.

Rojo e Veiga, apesar de não fixarem um ponto de referência, discutem a sua importância indiretamente, atribuindo aos advérbios o papel de melhor explicitar as relações entre os verbos e a origem (cf. seção 3, exemplos 11 e 12). A importância da referência para a interpretação temporal é destacada por Ilari (1997), pois é através da referência que se pode compreender certas determinações temporais que a sentença sofre no co-texto, em particular, no contexto narrativo. À falta de indicações mais específicas, dadas pelos adjuntos de tempo, por exemplo, o co-texto anterior fixa geralmente o momento de referência da oração seguinte.

A opção de não atrelar a orientação temporal a uma referência pode estar relacionada à definição do estatuto da referência. Se considerarmos que a referência faz parte da estrutura do tempo, é esperado que ela seja um dos seus constituintes internos. Esta parece ser a concepção de Reichenbach: *tempo* é uma articulação de três constituintes – momento da fala, momento da situação e momento da referência.

Mas também podemos considerar a referência como uma categoria funcional independente do tempo, assim como o aspecto e a modalidade. Coan (2003), por exemplo, defende que a referência é uma categoria funcional independente.

A codificação de aspecto também necessita de uma referência, especialmente o aspecto progressivo. O aspecto progressivo está relacionado com a codificação de uma situação em andamento relativamente ao tempo de

referência (explícito ou implícito) em predicados dinâmicos: *Maria estava tomando banho (durante o jornal da noite)*.

A possibilidade de uma categoria de referência permite ganhos em termos de economia descritiva. Ao invés de postular uma referência específica para a codificação do aspecto e outra referência específica para a codificação do tempo, é mais econômico postular uma categoria de referência que interage com a categoria de tempo e de aspecto. A opção de não atrelar a referência ao tempo permite supor que Rojo e Veiga considerem a referência como uma categoria funcional independente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram apresentadas duas teorias formuladas para tentar explicar como o tempo cronológico passa ao tempo gramatical nas línguas (REICHENBACH, 1947; ROJO e VEIGA, 1999). A teoria de Reichenbach estabelece, a partir do momento da fala, e outros dois momentos – o momento da referência e o momento da situação – a gama temporal por combinações lógicas, ainda que estes momentos sejam coincidentes em alguns tempos verbais. Já a teoria de Rojo e Veiga (1999) toma um dado ponto como origem para uma orientação vetorial dos tempos verbais. Normalmente, a origem coincide com o momento da fala, mas nem sempre. Por isso, Rojo e Veiga postulam como ponto de origem do seu sistema vetorial o momento da comunicação. A representação das variadas estruturas temporais das línguas se dá pelo encadeamento de vetores.

No âmbito da frase, as duas teorias têm o mesmo poder explanatório. Porém, no âmbito do texto, a teoria de Rojo e Veiga mostra-se mais adequada para representar a complexidade das relações temporais. A diferença entre as teorias resume-se à distinção entre dêixis e anáfora. De acordo com a proposta de Reichenbach, os tempos verbais têm natureza essencialmente anafórica, uma vez que são estruturados a partir de um momento de referência, ainda que coincidente com o momento da fala ou o momento da situação. Já para Rojo e Veiga, os tempos verbais são dêiticos, já que a orientação de uma dada situação está relacionada à origem, que é coincidente com o momento da comunicação.

Tempo na frase e tempo no texto:...

Apesar de a teoria de Reichenbach tornar as relações temporais visualmente explícitas, quando se trata de uma análise das relações temporais no texto, a teoria de Rojo e Veiga tem maior valor explanatório, dado que as possibilidades de combinação são, teoricamente, ilimitadas, desvinculando a relação temporal das formas morfológicas características.

REFERÊNCIAS

BELLO, Andrés. Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana. In: _____. **Obra literaria**. Caracas: Ayacucho, 1979 [1809]. p. 415-459.

COAN, Márluce. **Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais que) perfeito**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

_____. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente**. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

COMRIE, Bernard. **Tense**. 4th ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

GIBBON, Adriana. **A expressão do futuro na língua falada em Florianópolis: variação e gramaticalização**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português: expressões da duração e da reiteração, os adjuntos que focalizam eventos, momentos estruturais na descrição dos tempos**. São Paulo: Contexto, 1997.

REICHENBACH, Hans. The tenses of verbs. In: _____. (ed.). **Elements of symbolic logic**. New York: The MacMillan Company, 1947. p. 287-298.

ROJO, Guillermo; VEIGA, Alejandro. El tiempo verbal, los tiempos verbales. In: Bosque, I.; Demonte, V. (Orgs.). **Gramática descriptiva de la lengua española: las construcciones sintácticas fundamentales, relaciones temporales, aspectuales y modales**. Madrid: Espasa Calpe, 1999. v. 2, p. 2867-2935.

WEINREICH, Harald. **Estructura y función de los tiempos en el language**. Tradução de Federico Latorre. Madrid: Gredos, 1968.

Recebido em 14/10/04. Aprovado em 16/05/05.

Title: Tense at the sentence level and at the textual level: the theories of Reichenbach and Rojo & Veiga

Author: Raquel Meister Ko. Freitag

Abstract: The present paper makes a comparative study of the theories of Reichenbach (1947) and Rojo & Veiga (1999) concerning the linguistic structuring of tense relations at the level of the sentence and of discourse. First, these theories are compared in terms of orientation, representation and arrangement. Next, the propositions for tense structuring beyond the limits of the sentence are analyzed, that is, how these theories structure tense in the text.

Keywords: tense; comparative study; tense structure.

Titre: Le temps dans la phrase et le temps dans le texte: les théories de Reichenbach et de Rojo et Veiga

Auteur: Raquel Meister Ko. Freitag

Résumé: Cet article présente une étude comparative entre les théories de Reichenbach (1947) et de Rojo e Veiga (1999) pour la structuration linguistique des rapports temporels dans le sein de la phrase et du discours. Tout d'abord, on fait la comparaison entre les théories en ce qui concerne l'orientation, la représentation et la disposition. Ensuite, on analyse les propositions de structuration temporelle établies au-delà des limites de la phrase, c'est-à-dire, comment les théories structurent le temps dans le texte.

Mots-clés: temps linguistique; étude comparative; structure temporelle.

Título: Tiempo en la frase y tiempo en el texto: las teorías de Reichenbach y de Rojo y Veiga

Autor: Raquel Meister Ko. Freitag

Resumen: Este artículo presenta un estudio comparativo de las teorías de Reichenbach (1947) y de Rojo y Veiga (1999) para la estructuración lingüística de las relaciones temporales en el ámbito de la frase y del discurso. Primeramente compara las teorías en lo que respecta a la orientación, representación y arreglo. A continuación analiza las propuestas de estructuración temporal que ultrapasan los límites de la frase, o sea, cómo las teorías estructuran el tiempo en el texto.

Palabras-clave: tiempo lingüístico; estudio comparativo; estructura temporal.